



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Fevereiro

Como succede quasi sempre na quadra invernosissima que ora decorre e muitas vezes até na primavera e no estio, o dia da peregrinação mensal a Fátima foi tambem neste mês um dia de chuva abundante e contínua e de furiosa ventania.

Apezar dessa contrariedade a concurrencia ao local das appareções foi incomparavelmente mais numerosa que em igual dia do mês anterior. Em torno da capelinha erigida pela piedade dos fieis comprimia-se uma multidão enorme, que se podia computar sem exaggero em duas mil pessôas. Celebrou a primeira missa, ás onze horas, o rev. José do Espirito Santo, Pároco do Reguengo do Fétal, e a segunda missa, ao meio dia, o rev. Carlos Antunes Pereira Gens, Pároco de Ourem.

Depois da ultima missa, o rev. Pároco do Reguengo subiu ao pulpito e durante cêrca de meia hora fallou e sobre os peccados capitaes.

Durante as duas missas rezou-se o terço e cantaram-se os canticos do costume.

Por fim cantou-se o *Tantum ergo* e deu-se a benção com o Santissimo Sacramento.

V. de M.

As curas da Fátima

Dois casos

•Pardêlhas, 3-3-924.

..... Agora vamos ao assumpto que mais nos preocupa e mais alegre o coração dos que são crentes e devotos da Santissima Virgem. Fui fallar com a mãe da creança que Nossa Senhora curou e ella com toda a sua alegria pela graça obtida, contou-me o seguinte: No mez de novembro passado, a creança apparece-lhe com um grande inchaço debaixo do queixo, pergunta á creança se lhe doe, ao que esta respondeu negativamente. Vae com ella ao médico e este diz-lhe depois de verificar: *é um tumôr frio.*

Faz-lhe o curativo lancetando-lhe

o tumôr, ficando a creança a ir todos os dias a casa do médico. Passados uns quinze dias, como a mãe da creança tivesse acanhamento de dar tanto incomodo ao médico, pede-lhe licença para d'ahi em diante fazer o curativo em casa ao que elle annuiu. Isto deu-se n'uma sexta-feira.

No sabbado a seguir a mãe da creança vae para lhe fazer o curativo e, quando tira a mexa, rebenta o sangue em abundancia.

Como tivesse pouco animo para isto, chama a creada, mas esta negase a fazel-o pelo mesmo motivo. Foi n'esta occasião que ella então, cheia de fé e confiança invoca Nossa Senhora n'estes termos: *Oh! Virgem do Rosário de Fátima, dae-me coragem para curar o meu filho ou então curae-o Vós.* Põe o algodão na ferida para vedar o sangue e a ligadura e deixa ficar. No dia seguinte, que era domingo, diz ao marido: *O' Francisco, se tu quizesse ias curar o menino.* Este recusa-se pelo facto de não ter coragem. A mãe então reveste-se de coragem e diz: *Vêm cá meu filho que Nossa Senhora hade dar-me a coragem precisa para te curar.* Desata a ligadura e, qual não é o seu espanto quando vê que a creança estava completamente curada e até do proprio algodão tinha desaparecido todo o sangue que havia ensopado. A mãe não cessa de dizer isto a quem encontra.

Agora vamos ao outro milagre operado ha dias.

Alzira dos Anjos Sebolão deu á luz no dia dezoito do corrente uma creança encontrando-se n'essa occasião bem. Passados, porém, tres dias apparece muito inchada em todo o corpo e com especialidade no ventre. Chamam o médico e este diz que é uma infecção no utero e declara a doente perdida, recomendando á familia que a mandem preparar para a ultima viagem. Chegou a ter quarenta graus de febre, a ser acomettida de ataques, ter muita afflicção no coração e a exhalar pela bôca um mau halito.

Emfim, toda ella deitava um cheiro insuportavel. O médico manda retirar-lhe a creança e diz: *aqui só lhe pôde valer algum santinho.*

Foi n'esta occasião que chamam o

Sacerdote para a preparar. Na terra já não tinham mais a quem recorrer. Em virtude disto a irmã da doente, chamada Palmira, vae ao quarto e diz-lhe: *Alzira, vamos rezar a Nossa Senhora de Fátima e Ella te curará.* Principiando a rezar, a tia da doente, Maria dos Anjos Tavares, diz á Palmira: *estás a rezar mas ainda não lhe deste agua de Fátima a beber.* Esta levanta-se, vem a minha casa e pede-me uma pouca d'agua. Chegada a casa a familia opõe-se a que a doente beba a agua fria porque pôde fazer-lhe mal.

Nisto a Palmira pousa a agua em cima duma meza, ajoelha e pede com muita fé e confiança a Nossa Senhora a cura de sua irmã dizendo: *Oh! Virgem, mostrae aqui o vosso poder e dá a agua á doente a beber. Oh! milagre! Mal bebe a agua a doente volta-se para a tia e diz: O' madrinha não sei o que sinto dentro em mim!*

As afflicções do coração, o mau halito e a inchação desapareceram immediatamente.

Passados uns momentos pergunta-lhe a irmã: *então, Alzira, a agua de Nossa Senhora fez-te bem?* Ao que ella respondeu: *«Ai, Palmira, estou curada, nada tenho!»*

Eis Rev.^{mo} Senhor o facto tal qual mo contou a propria irmã da miraculada. Junto envio um atestado, que assim se pôde chamar, do proprio Sacerdote que a foi preparar. Não só elle, como eu e mais pessôas estamos confusas com este prodigio da nossa tão querida Mãe do ceu.

Para a outra carta enviar-lhe-ei uma outra cura; não o faço hoje porque não me é possivel fallar com a pessoa que obteve a graça.

Maria dos Anjos de Mattos.

Rev.^{mo} Sr.

Numa grande afflicção, recorri a N. Senhora do Rosário da Fátima, e fui ouvida sem demora.

Em agradecimento, envio 10:000 para ajuda das despesas do seu culto.

Angelina Lopes Pereira

De certo os nossos queridos leitores terão prazer em ler a seguinte carta:

«Graças e Louvores sejam sempre dadas a Deus e á Santíssima Virgem do Rosario, nossa terníssima mãe da Fátima!

Mais uma graça concedida por Nossa Senhora da Fátima a esta sua humillíssima filha e aos seus. Na segunda feira passada, appareceu quasi de repente, meu netinho Luiz Maria com uma febre terrível e a pernita direita muitissimo inchada até ao joelhito: passou uma noite terrível, em delirio e queixando-se de muitas dôres. Apesar de ter só 14 menses é muito vivo, já diz algumas palavras, e muito bem chama pela mãe, pae e avó. A' mãe nunca largava, e quando se via peor chamava pelo pae e por mim.

Logo de manhã chamou-se o médico, que declarou ser um *fleimão*, que tinha para 3 ou 4 dias, e passados elles teria de ser aberto. Dôres que eram horribes, mas que nada lhe podia fazer, até que estivesse em condições de ser lancetado. Nessa noite o menino piorou e nós, eu, a mãe e a sua creada particular, recorremos á Virgem Santíssima, para o curar, livrando-o de tão horrível mal. Ao deitar-lhe as papas, fôram ellas cobertas com a milagrosa agua da Fátima e coloquei-lhe eu uma medalha de Nossa Senhora ao peitinho, depois de lh'a ter dado a beijar, e rezamos juntos 3 Avé-Marias, uma salvé-rainha e «lembrai-vos ó puríssima Virgem Maria...» Findas as nossas orações e supplicas deitamos o menino que mais tranquillo passou a noite.

Sôbre a madrugada todas fomos descançar e qual foi o meu espanto quando ás 9 horas da manhã a creada entra no meu quarto trazendo o menino ao collo, que deitando os bracinhos para mim sorrindo e beijando-me, me pediu *biachas* (bolachas) cousa que elle não fazia há dias! Esteve perto de meia hora a brincar commigo e ouvindo no quarto os paes a fallar, deitou-se ao chão, e agarrado á mão da creada e a um guarda sol, que encontrou no meu quarto, lá foi a mancar, coitadinho, até perto delle. Pôde bem calcular a alegria de nós todas, reconhecendo a graça que a nossa mãe de misericórdia, a Virgem Santíssima da Fátima nos tinha concedido melhorando o nosso amôr pequenino! Tenho realmente grande pesar que o não conheça, não é por ser meu neto, mas é um verdadeiro amôr. De hora a hora, de momento a momento, nós viamos o pequenino melhorar; chega o médico para o ver, e a unica coisa que pôde dizer é que... nada tinha a fazer, (pois estava completamente curado!...)

A alegria lia-se nos nossos rostos, e o médico rematou dizendo: «as creanças são assim, tão depressa estão a morrer, como estão curadas.» Mas nós as 3, que bem conheciamos o milagre de Nossa Senhora, davamos intimamente graças á virgem do Santissimo Rosario. Eis aqui, muito a correr e em duas palavras mal ditas, a grande graça que nos concedeu o milagre da Virgem do Santissimo Rosario da Fátima.

Leia como puder e perdõe tudo; breve escreverei com mais vagar.

Coimbra 25 - 1 - 924

Emilia Guimarães

13 de Janeiro

Por causa da grêve dos correios deixou de ser publicado em fevereiro este artigo de que não queremos privar os nossos leitores.

O dia 12 de Janeiro, semelhante aos outros dias dessa semana, sem vento e sem frio, esplendido de sol e apenas com pequenos farrapos de nuvens a empanar de longe em longe o azul diaphano do firmamento, parecia um formoso e tépido dia de Março precursor da primavera proxima. Nada fazia prever, a não ser o ponteiro fiel de um velho barometro, o medonho vendaval que se havia de desencadear sôbre toda a terra extremenha desde as primeiras horas do dia seguinte. Chegamos na vespera á tarde a Torres Novas, onde alugámos um carro para nos transportar a Fátima. Ficou assente que a partida se effectuasse ás oito horas da manhã. A essa hora a chuva cahia torrencial e continúa, inundando as ruas e as praças, em que se viam raros transeuntes apressados, e o ceu, de sobreceño carregado, parecia ameaçar-nos com um dia inteiro de rigoroso inverno. A viagem aavez da serra foi sobremaneira triste e penosa, mas durou pouco mais de tres horas, graças á boa raça dos cavallos escolhidos que puxavam o carro. Eram cêrca de onze horas e meia quando chegámos á vista do local das aparições.

O vento, no cume da serra, dir-se-hia redobrar de intensidade, sacudindo com violencia as copas dos pinheiros altos e esguios e a ramagem das azinheiras rachiticas e enfezadas. A chuva, fustigando sem piedade os róstos, que os chapéus impedidos de se abrir devido á violencia do vento não podiam defender, cahia sem interrupção inundando a Cova da Iria, e convertendo-a num lamaçal immenso. A'quella hora, contra o costume de tantos annos, eram muito poucas, apenas algumas dezenas, as pessoas que se encontravam junto do padrão commemorativo das aparições, abrigadas sob o telheiro recentemente construido em frente delle.

Soubemos depois que, mercê do mau tempo, muitos peregrinos tinham desistido da viagem e outros, que chegaram a iniciá-la, tinham renunciado a levá-la a cabo, alojando-se durante o percurso em casa de familias amigas e conhecidas até que o tempo melhorasse para regressarem ás suas terras e aos seus lares.

Entretanto, pouco a pouco, vão chegando, de diversas partes, grupos de peregrinos que, procedentes de povoações visinhas ou mais animosos do que os outros, ousaram arrastar com as furias do vendaval para irem prestar á augusta Virgem do Rosario a homenagem piedosa do

seu culto fervoroso no sitio em que Ella se dignou apparecer, conforme as affirmações dos humildes e innocentes pastorinhos de Aljustrel. Ao meio dia official principia a primeira Missa o rev. Manuel Pereira da Silva, secretario da Camara Ecclesiastica de Leiria. E' celebrada dentro da capella por não consentir o mau tempo a sua celebração ao ar livre na fórma do costume. Durante a missa reina um silencio absoluto entrecortado apenas pelo murmurio das preces rezadas por grande numero de assistentes em voz quasi imperceptivel. A certa altura, porém, um homem do povo começa a recitar o terço do Rosario em voz alta, alternando com elle muitos dos circunstantes. O agudo sibilar do vento, o brando ciclar das preces, o cavo rumorejar das arvores, o cahir incessante da chuva, o silencio impressionante da multidão, tudo convida a alma a recolher-se dentro de si mesma e a elevar os seus pensamentos e os seus affectos para o Ceu. Parece sentir-se um sôpro sobrenatural e divino perpassar junto de nós.

Os anjos, invisivelmente prostrados deante da Hostia pura e sem mancha em que Deus, á voz do sacerdote, acaba de descer á terra, juntam as suas adorações ás daquellas almas humildes e sãs do bom povo das nossas aldeias que o *simoun* devastador da impiedade e do vicio felizmente ainda não logrou esterilizar para a Fé e para as virtudes que fizeram grandes os nossos antepassados. Dezenas de pessoas recebem nos seus peitos a Jesus Sacramento. Termina a missa. A multidão engrossa cada vez mais, comprimindo-se debaixo do telheiro. Ao meio dia solar começa a segunda missa, tambem dentro da capella. Celebra-a o rev. dr. Manuel Nunes Formigão, professor no Seminario Patriarchal. Estão presentes algumas centenas de peregrinos, a maior parte dos quaes assistem á missa sob uma chuva torrencial, mal abrigados pelos seus enormes chapéus.

O rev. dr. Marques dos Santos, ao principiar o santo sacrificio, inicia a recitação, alternadamente com o povo, do terço do Rosario.

A' elevação fazem-se as ternas e patheticas invocações de Lourdes. Algumas senhoras presentes, pouco habituadas a presenciar semelhantes espectaculos de fé e piedade, choram de commoção. Distribue-se o Pão dos Anjos a mais algumas dezenas de pessoas. O *Bemdito* é cantado por todos com enthusiasmo e unção. Terminado o Santo sacrificio canta-se o *Tantum ergo* e dá-se a benção com o Santissimo. Após a benção a multidão, cheia de enthusiasmo, canta em côro o himno *Queremos Deus*, cujas notas vibrantes e marciaes se repercutem ao longe e ao largo como um protesto vehemente e sentido do Portugal christão contra a reviviscencia do fanatismo mussulmano nos infelizes sectarios dos nossos tempos, que repetem com um furor cego e selvagem o «cré ou morres» dos defensores do crescente.

Sôbre depois ao pulpito o rev. dr.

Marque dos Santos que durante cerca de vinte minutos entrem a attenção do auditorio sobre a devoção á Santissima Virgem e a communhão frequente como meios efficacissimos de adquirir e conservar a angelica virtude da castidade.

Por fim rezam-se algumas orações em commum por diversas necessidades, especialmente pelos enfermos presentes e ausentes e pelos peccadores, e aquellas centenas de peregrinos dispersam-se e desaparecem como por encanto para voltarem de certo mais vezes áquella estancia bendita impulsionadas pelo fluido misterioso e sobrenatural que attrahe irresistivelmente a Fátima as almas sedentas de verdade, de justiça e de paz.

V. de M.

Notas e impressões

O phenomeno solar de 1917

Recebemos a seguinte carta:

Salvaterra de Magos, 3 de Janeiro de 1924.

... Sr. Visconde de Montello.

Por ter lido o livro escripto por V. a respeito dos episodios maravilhosos de Fátima, cumpre-me participalhe que tambem tive a ventura de presenciar os acontecimentos assombrosos do dia 13 de Outubro de 1917. Cheguei na vespera á aldeia de Fátima onde pernoitei. No dia seguinte fui a casa das creanças com quem falei, principalmente com a mais velha, a Lucia, que me disse que Nossa Senhora lhe apparecia meia hora depois do meio dia, hora solar. Dirigi-me depois para a Cova da Iria, mas, como chovesse, molhei-me, voltando logo para a aldeia onde me enchuguei. Quando faltavam uns vinte e cinco minutos para a hora annunciada, parti para o local das apparções. Na occasião em que cheguei, parou a chuva, mas o ceu conservava-se carregado e escuro. A atmospheria tornou-se amarella no local em que estavam as creanças e as cabeças dos milhares de pessoas presentes pareciam cobertas com lenços de côres amarellas, roxa e azul. Uma columna de fumo, que se assemelhava a uma nuvem, pairava no referido local, subindo tres a quatro metros acima do sólo. Este phenomeno repetiu-se por mais de tres vezes, creio eu. Olhei depois para o ceu e vi o sol, que parecia uma roda de fogo, romper as nuvens e correr em direcção á terra. As nuvens tinham-se rasgado de repente e via-se perfeitamente o sol, que não feria a vista.

Vi pelo menos passar pela parte de cima do sol duas nuvens que eram illuminadas pelo sol, o qual correu segunda vez em direcção á terra. Foi isto que os meus olhos viram. Desta minha carta faça V. o uso que entender.

De V. etc.

Manuel da Costa Pereira

Fátima, obra nacional

De uma illustre e piedosa senhora

da Regoa, alma entusiasta e de rija tempera, sempre aberta a todos os sentimentos nobres e generosos e profundamente dedicada a todas as obras que visam á gloria de Deus e ao bem da Patria, recebemos uma carta de que extractamos estes periodos:—A freguezia de S. José de Godim quer tambem contribuir para a obra de Fátima, obra que não é local mas nacional e de que todos os portuguezes se devem orgulhar. Deus haja por bem coroar de exito os esforços de todos os que tabalham para tão gloriosa empreza e Nossa Senhora de Fátima abençõe a nossa querida Patria.»

Os acontecimentos de Fátima

De uma senhora de Vizeu, tão distincta pela sua linhagem como pelas suas virtudes, que presenciou o phenomeno solar de 13 de Outubro de 1917 e que desde então não tem cessado de fazer vótos ao Ceu para que a Santa Igreja se pronuncie favoravelmente ácerca dos acontecimentos de Fátima, recebemos uma longa e interessante carta de que tomamos a liberdade de transcrever o trecho que segue: «Não faz ideia de como ficámos encantados com o pequeno opusculo referente a Fátima, de tão querida lembrança. Para prova fazia-nos muito favor enviar dez exemplares mais para distribuirmos por pessoas piedosas. Oxalá Nossa Senhora faça milagres e converta esta terra de espinhos e abrolhos em jardim viçoso e encantador. Por demais temos sofrido as terriveis emanações deste pantano ha annos a esta parte. Salve-nos Deus! Seja connosco a Santissima Virgem, nossa Medianeira!»

A peregrinação nacional

Posto que seja bastante tarde para o fazer, não resistimos ao desejo de archivar nesta secção um formosissimo trecho de uma carta que nos escreveu uma Santa e veneranda senhora da Capital, illustre e benemerita entre as mais illustres e benemeritas, ácerca da grande peregrinação nacional de 13 de Maio de 1922. Traduzindo os mais nobres e elevados sentimentos christãos, constitue na sua commovedora simplicidade um precioso mimo litterario, de que se evola o perfume suavissimo da mais terna e acrisolada piedade, e que os nossos presados leitores saberão apreciar devidamente. E' do teor seguinte:

—«Recebi em tempo competente o postal e a carta de V. que muitissimo apreciei e me penhoraram em extremo. Espero que V. recebesse o telegramma que lhe mandei, logo que recebi a carta de V. a tempo de dispôr do automovel, que com tanta dificuldade conseguí arranjar para pôr á minha disposição em favor de quem mais feliz do que eu pudesse fazer parte da piedosa e grandiosa peregrinação á Fátima! Tive immensa pena de não poder assistir a essa tão tocante e inponente manifestação de fé...»

As noticias que tenho recebido das pessoas que tiveram a grande consolação de ir no dia 13 á Fátima e as que leio nos jornaes mais augmenta-

ram o meu pesar. Nosso Senhor me acceite o sacrificio! Bem do coração felicito V. pela grande consolação que decerto teve de ver reunidos na Fátima tantos milhares de crentes, profundamente commovidos, prestando a mais respeitosa homenagem de fé e devoção á Santissima Virgem. Uma das minhas primas que vive em T. e me tinha convidado com muita insistencia para ir passar uns dias com ella e acompanhá-la á Fátima no dia 13 escreveu-me logo depois entusiasmadissima. Diz ter muita pena que eu não pudesse ir, pois está convencida de que em Portugal talvez não se fizesse até agora uma tão grandiosa manifestação de fé.

Extraordinariamente grande, sobretudo por ser tão simples e expontanea!

Bemdilo seja Deus por tudo e a sua Santissima Mãe continue a interceder pelo nosso pobre Portugal e por tantos infelizes que a não conhecem e por isso a não amam e offendem tanto a Deus! Estou convencida de que entre nós ha ainda muito mais ignorancia do que maldade.»

V. de M.

Deante do Santissimo Sacramento exposto

Devemos honrar o Santissimo Sacramento exposto com o maior respeito.

Deus quer ser adorado tanto pelo corpo como pela alma; tem direito á homenagem do homem todo. E' por isso que ha um culto exterior, sensível, animado pelo culto interior da caridade. Emquanto ao respeito exterior, em parte alguma é mais necessario que no culto da Exposição, é a santa Igreja que o manda. Ella quer que Nosso Senhor esteja lá, no seu throno, absorvendo todos os nossos pensamentos. Ella quer que no altar não haja estatuas, reliquias, para não afastarem o adorador do pensamento de Nosso Senhor e para que o culto esteja concentrado na sua Pessoa adoravel.

Prescreve os ornamentos e as decorações mais magnificas. Não basta a simples gemflexão, é necessario a prostração com ambos os joelhos para saudar o Rei divino no seu throno.

Compenetremo-nos, pois, da liturgia da Santa Igreja e que o nosso exterior em presença do Santissimo Sacramento exposto exprima a mais profunda reverencia.

Antes de tudo guardemos uma grande reserva, uma grande modestia nos olhos. Não quero no entanto dizer que estejamos constantemente de olhos fechados; não, em presença de Nosso Senhor exposto é melhor olhar.

Porque expõe a Igreja a Nosso Senhor no throno? Porque toma ella os seus melhores ornamentos? De que serviria tudo isso se ella não quizesse que olhassemos e que nos servissemos delles para nos elevarmos para Nosso Senhor?

De que serviria colocar o sobre o

throno se não fôsse para melhor o podermos vêr?

Porque revestiria esse bom Salvador apparencias exteriores, sensíveis, que se pudessem vêr? Foi a fim que se possa dizer: eu vejo o meu Deus atravez desta nuvem; sua face está desfigurada mas é Elle com certeza que lá está.

Mas—coisa admiravel!—este culto exterior não distrae a alma adoradora. Por isso eu vos digo: olhai o Santissimo Sacramento, o altar, as velas, as flôres e tirae de tudo isto um bom pensamento, diz o P.^o Eymard, apostolo da Santa Eucharistia. E' isto tão natural que para o não fazer seria necessario violencia.

A adoração é um culto de expansão. Assim como a chama, sae do fóco e não permanece lá.

Mas o que distrairia e seria uma falta de respeito para com o Santissimo Sacramento era que em vez de olharmos o altar nos puzessemos a observar os fieis, a contar os que entram e saem, a examinar as toilettes. Tudo isso seria absurdo e ridiculo, para não dizer coisa peor. Servi-vos, pois, dos olhos para ir a Nosso Senhor e nunca contra Elle.

Digo-vos tambem: Conservae sempre um porte grave e recolhido deante de Nosso Senhor exposto.

Ficai de joelhos todo o tempo que puderdes e se vos sentardes não tomeis uma attitude mole e negligente. Ha certos modos de estar que não ficariam bem em um salão. Com certeza ninguem em uma sociedade distincta se permitiria curvar as pernas, encostar-se na cadeira, sob pena de passar por pessoa grosseira e mal educada. Não faleis nunca na igreja nem vos importeis com ninguem. Deante do rei seria má educação inquietar-se a tratar com os creados. Tal pessoa merecia que se lhe perguntasse: para que veio cá?

Portanto, deante do Santissimo Sacramento, nem amigos, nem negocios, nem recados a receber, nada, por que estaes deante de Deus. Toda a vossa occupação deve ser adorar Nosso Senhor e escutar a sua divina palavra.

Mas, direis, se me perguntam alguma coisa? Não respondais quatro vezes por uma nem digaes mesmo: «aqui não se fala»; é muito comprido; se é necessario respondi por um simples *sim* ou *não* dito em voz baixa. Ha uma maneira de falar em voz baixa que já por si é uma boa lição. Se se tratar de pessoa sobre quem tenhaes auctoridade é vosso dever impôr-lhe energicamente silencio.

Se tivessesmos mais respeito e compreendessemos melhor o que convem, nunca teriamos coragem de fi-rar alguem da sua contemplação e fariamos todo o possivel para a não distrair.

O que se faria no mundo se uma pessoa fôsse admitida em audiencia real e sobre tudo se se soubesse que o rei deseja conversar com elle?

Ninguem iria perturbal-os, nem mesmo um ministro.

Ora a adoração, que é a audiencia de Nosso Senhor, a entrevista com as nossas almas tão desejada pelo seu amor, merecerá menos cuidados que as audiencias privadas dos Reis d'este mundo?

Tudo isso diria que a nossa fé é bem fraca. Pratiquemos, pois, perfeitamente o culto do respeito exterior nos olhos, no porte e no nosso silencio. Bem basta o que as nossas adorações teem de sofrer da nossa frieza e da inconstancia da nossa imaginação.

Se o nosso coração é uma ruina, um deserto, honremos ao menos a Nosso Senhor pelo porte exterior afim de chegarmos ao conveniente porte interior.

Uma Carta ao Menino Jesus

(CONTO)

Ivone tem sete annos, está no seu quartinho na vespera de Natal, um verdadeiro ninho, a ultima obra da «pobre mamã».

Está para se deitar com a ajuda de Miette, sua aia.

—Dize-me Miette, o Menino Jesus será capaz de lêr a minha carta?

—Com certeza, meu anjo. O Menino Jesus sabe muito.

—Sabe mais que a irmã Santa Comba?

—Pois é claro, minha menina, mais sabio que a irmã Santa Comba. O Menino Jesus sabe tudo... tudo.

—Então elle sabe que o papá não reza... que não vai á missa?

—Ai sabe sim, minha querida e isto lhe causa muita pena.

—E parece-te que elle me concederá o que lhe vou pedir?

—E' claro que creio... Vamos, depressa para a cama... que te arrefecem os pesinhos.

Ivone colloca pomposamente, bem ao canto da chaminé duas pequeninas botinhas brancas. Depois em uma dellas, põe... um bilhete. Imaginae que ella o anno passado, em igual dia, tinha resolvido conservar-se acordada até á meia noite para vêr o Menino Jesus e pedir-lhe que convertesse o papá. Mas, apesar de todos estes esforços, veio o somno e o Menino Jesus passou sem ella vêr.

Este ano com medo de adormecer... escreveu ao Menino Jesus. Ella sabe pouco escrever e isto lhe custou muito mas ao menos agora pode dormir descansada.

Acolá, do outro lado, no seu gabinete, o doutor está disposto a trabalhar.

A vespera de Natal é para elle um dia como qualquer outro. Está muito agarrado aos bens terrestres para pensar nas emoções desta maravilhosa noite.

Por outro lado a escola de medicina destruiu-lhe todo o sentimento religioso. O dr. X... é abertamente descrente.

Esta noite como de costume, foi depor, antes de se deitar, um grande beijo na fronte da sua filhinha adormecida.

Não sei como, ao passar pela chaminé, viu as botinhas ainda vazias porque o Divino Menino teve tanto que fazer esta noite que não poude contentar toda a gente ao mesmo tempo. Curioso por este costume que elle tinha, aproxima-se, toma as botinhas e por acaso deixa cair a carta do Menino Jesus. Abre-a. Oh! como ella é tocante! Ouvia-a: «Querido Menino Jesus, dizia Ivone, vós sabeis que eu não tenho mamã porque vós a levaste para o vosso paraíso ainda que eu tenha muita pena de a não tornar a ver; eu tenho ainda um papá, mas parece que elle não vos ama como devia. Elle não vai á missa, elle não reza. Convertel-o, vós que sois tão bom, tão bom!

Vossa amiguinha que muito vos ama Ivone»

P. S.—Quando virdes a minha mamã dizei-lhe que eu a abraço muito.

No dia seguinte ao levantar-se Ivone achou uma bella boneca na chaminé.

Como a creada se aprestava a conduzi-la á igreja, o pae se interpoz dizendo:

—Serei eu quem daqui avante te conduzirei á Missa porque o Menino Jesus recebeu a tua carta.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte 8:795\$620
Impressão do n.º 17 200\$000
Varias. 80\$000

Somma 9:075\$620

Subscrição

(Continuação)

D. Maria José Assis Gomes Coutinho 10\$000
D. Maria Eduarda Vasques da Cunha Lencastre (3.º anno) 10\$000
De jornaes (Josefa de Jesus) 21\$000
D. Maria Ferro Lobo 10\$000
D. Guilhermina de Jesus Alberto Gomes (2.º anno) 10\$000
D. Maria Martiniano da Costa (2.º anno) 10\$000
D. Maria de Borgia Saavedra (2.º anno) 10\$000
P.º Virginio Lopes Tavares Viscondessa de Sanches de Baena 10\$000
Januario Miranda 10\$000
D. Sebastiana Nogueira 10\$000
D. Maria da Piedade Santos 10\$000
Julia da Encarnação Marques 10\$000
Domingas Fernandes 10\$000
Maria das Dores Fernandes (3.ª vez) 5\$000
Domingas Valente de Almeida (2.ª vez) 5\$000
Benedicta d'Oliveira Horta (3.ª vez) 5\$000
P.º Francisco Antonio da Silva Valente (2.º anno) 10\$000
Percentagem na venda de terços jornaes avulsos etc. (Pardéllhas) 77\$500
Percentagem em terços etc. (Mafra) 52\$500
D. Alzira Costa 10\$000
Manuel Coelho de Sousa 10\$000
Antonio Machado Fagundes 10\$000
D. Gertrudes Maria Fernandes 10\$000
D. Maria Rosa Athayde 10\$000
Condessa de Margaride (3.º anno) 20\$000
D. Maria dos Remedios de Moura Abranches da Silva Madame Marguerite Leguin P.º Antonio Maria dos Santos Campos (2.º anno) 10\$000
P.º Manuel Pereira de Oliveira 10\$000
P.º José Maria d'Almeida Geraldès 10\$000
Donativos varios. (Athouguia) 11\$000
D. Maria José e D. Anna de Menezes Alarcão 10\$000
D. Crescencia Fernandes Dias da Cruz 10\$000
D. Ignês Cabral Nunes Barata 10\$000
José Vaz Barros 10\$000
D. Jovita Ferreira Rosario de Sousa Vinagre 10\$000
D. Henriqueta Ferreira da Silva 10\$000